

Clarissa Pinkola Estés

Autora de Mulheres que correm com os lobos

**A CIRANDA
DAS
MULHERES SÁBIAS**

SER JOVEM ENQUANTO VELHA,
VELHA ENQUANTO JOVEM



Clarissa Pinkola Estés

A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS

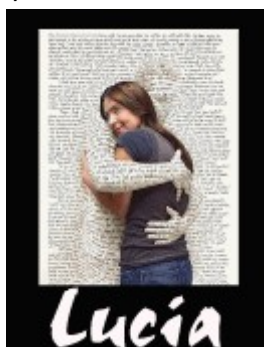
Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem

Tradução
WALDÉA BARCELLOS

2007

Rocco

Escaneado, Formatado e Revisado:



Para mi La signora, Carla Tanzi

Nessun dorma!
nessun dorma!

Tu pure, o Principessa...
Guardi le stelle
Che tremano d'amore
E di Speranza...
- PUCCINI, Turandot

O amor será o remédio mais vital
Você será seu milagre.
- CPE

A PEQUENA CASA NA FLORESTA

Ah minha Criatura admirável...

Seja bem-vinda...

Entre, entre...

Estou esperando por você... é, por você e pelo seu espírito! Fico feliz por você ter conseguido encontrar o caminho...

... Venha, sente-se comigo um pouco. Pronto, vamos fazer uma pausa, deixando de lado todos os nossos "inúmeros afazeres". Haverá tempo suficiente para todos eles mais tarde. Em um dia distante, quando chegarmos às portas do paraíso, posso lhe garantir que ninguém vai nos perguntar se limpamos bem as rachaduras na calçada. O que é mais provável é que no portal do paraíso queiram saber com que intensidade

escolhemos viver; não por quantas "ninharias de grande importância" nos deixamos dominar.

Por isso vamos, por enquanto, permitir apenas que o pensamento tranqüilo nos abençoe por um tempo antes que voltemos a falar sobre o velho realejo do mundo... Venha, experimente essa poltrona. Acho que é perfeita para o seu corpo querido. Pronto. Agora, respire bem fundo... deixe os ombros caírem até o ponto que lhes seja natural. Não é bom poder respirar esse ar puro? Respire fundo mais uma vez. Vamos... Eu espero... Viu? Está mais calma, mais presente agora.

Preparei a lareira perfeita para nós. O fogo vai durar a noite inteira — suficiente para todas as nossas "histórias dentro de histórias". Um momentinho só, enquanto termino de lavar a mesa com menta fresca. Pronto, vamos usar a louça bonita. Vamos beber o que estávamos reservando para "uma ocasião especial". Sem dúvida, "uma ocasião especial" é qualquer ocasião à qual a alma esteja presente. Você já percebeu? "Reservar" para outra hora é o jeito que o ego tem de dizer, rabugento, que não acredita que a alma mereça prazer no dia-a-dia. Mas ela merece, de verdade. A alma sem dúvida merece.

Por isso vamos nos sentar um pouco, comadre, só nós duas... e o espírito que se forma sempre que duas almas ou mais se reúnem com apreço mútuo, sempre que duas mulheres ou mais falam de "assuntos que importam de verdade".

Aqui, neste refúgio afastado, permite-se... e espera-se que a alma diga o que pensa. Aqui sua alma estará em boa companhia. Posso garantir-lhe que, ao contrário de muitas no mundo lá fora, aqui sua alma está em segurança. Fique tranqüila, comadre, sua alma está a salvo.

Talvez você tenha vindo à minha porta por estar interessada em viver de vim modo que a abençoe com a perspectiva de, como eu digo, "ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem" — o que significa estar plena de um belo conjunto de paradoxos mantidos em perfeito equilíbrio. Está lembrada? A palavra paradoxo significa uma idéia contrária à opinião de aceitação geral. E o que acontece com a grand mère, a maior das mulheres, a grande madre... porque ela é uma sábia em preparação, que mantém unidas as grandes e totalmente úteis capacidades aparentemente ilógicas da psique profunda.

Os atributos paradoxais do que é grande são principalmente ser sábia e ao mesmo tempo estar sempre à procura de novos conhecimentos; ser cheia de espontaneidade e confiável; ser loucamente criativa e obstinada; ser ousada e precavida; abrigar o tradicional e ser verdadeiramente original. Espero que você entenda que todos esses atributos se aplicam a você de modo geral e em detalhes, como algo em potencial, meio realizado ou já perfeitamente formado.

Se você sente interesse por essas contradições divinas, sente interesse pelo arquétipo misterioso e irresistível da mulher sábia, do qual a avó é uma representação simbólica. O arquétipo da mulher sábia pertence a mulheres de todas as idades e se manifesta sob formas e aspectos singulares na vida de cada mulher.

Falar da imagem profunda da grande avó como um dos principais aspectos do arquétipo da mulher sábia não é falar de alguma idade cronológica ou de algum estágio na vida das mulheres. A grande perspicácia, a grande capacidade de premonição, a grande paz, expansividade, sensualidade, a grande criatividade, argúcia e coragem para o aprendizado, ou seja, ser sábia não chega de repente perfeitamente formada e se amolda como uma capa sobre os ombros de uma mulher de determinada idade.

A grande clareza e percepção, o grande amor que tem magnitude, o grande autoconhecimento que tem profundidade e amplitude, a expansão da aplicação refinada da sabedoria... tudo isso é sempre uma "obra em andamento", não importa quantos anos de vida a mulher tenha acumulado. Os fundamentos do que é "grande", em oposição ao que é "apenas comum", são conquistados no início da vida, no meio ou mais tarde... muitas vezes mediante enormes fracassos, elevações do espírito, decisões equivocadas e recomeços impetuosos. O que se recolhe depois do desastre ou da sorte inesperada... é isso que é moldado e então

praticado pela mulher e seu espírito, coração, mente, corpo e alma... até que ela se torne não apenas competente em seu modo de ser paradoxalmente sábio... mas também, muitas vezes, perfeita em seus modos de viver, enxergar e ser.

Há muitos tipos de veneráveis grandes avós na mitologia e na realidade consensual. É verdade que ser literalmente avó de uma criancinha é como se apaixonar, e que o nascimento de crianças pode provocar uma sensação de total enlevo numa pessoa mais velha. Além disso, o orgulho e o esplendor de "ter sido mãe de uma mulher que se tornou mãe" transparecem e conferem uma grandeza toda especial. E existem muitas outras formas de ser ungida com a imagem de avó... que não se restringem à prole. Há mulheres na vida real que são grandes genitoras de gerações de idéias, processos, genealogias, criaturas, períodos da sua própria arte... sempre se tornando mais sábias e se manifestando dessa forma. Existem mentoras, graças que ensinam, as que orientam alunos e quem quiser aprender, escritoras e pintoras iniciantes, e as maduras também, porque as mulheres maduras também precisam de carinho e orientação para florescer numa estação atrás da outra...

Na mitologia, porém, talvez seja onde isso fica mais nítido... que a grande avó, como representante do arquétipo maior da mulher sábia, tem

uma tarefa crucial que é intimidante, ousada, desafiadora e alegre. A tarefa crucial da grande mãe é simplesmente a seguinte, e nada, além disto: viver a vida plenamente. Não pela metade. Não três quartos. Não um dia, abundância; no outro, penúria. Mas viver plenamente cada dia. Não de acordo com a capacidade do outro. Mas de acordo com a sua própria capacidade, predestinada, de livre-arbítrio, que dá a vida, não que entorpece a vida. E existe uma razão para esse impulso central...

Uma das minhas avós, Viktoriá, tinha um cachorrinho com um defeito de oclusão que parecia a miniatura de um terrível Cérbero, mas que era um doce de criatura. Minha avó também tinha um gatinho preto que costumava atacar os rosários que ela mantinha pendurados em todas as maçanetas das portas na casa inteira... "caso eu precise rezar por alguém com muita pressa". Ela conversava com o cachorro e o gato como se fossem gente... "Os animais têm alma, você sabia?", ela costumava dizer.

Quando o cachorro de repente dava um salto com grande energia para acompanhar um novo cheiro no ar, o gato também começava de repente a correr pelo aposento. Da mesma forma, quando o gato saltava do alto do velho rádio de celulóide para o encosto da poltrona de vovó, com seus paninhos de crochê, e não parava de saltar de um lado para o outro, o cachorro percebia e começava a pular, todo sorridente. Quando isso acontecia, era inevitável que minha avó dissesse que precisávamos nos

unir a eles. Ela agarrava minhas mãozinhas, e nós saíamos pulando e saltitando, no mesmo ritmo da dança do gato e do cachorro, já em andamento. Ela dizia: "Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem." E todos os animais, nós incluídas, por meros momentos, voltávamos a ser selvagens.

Ela queria dizer que, quando uma criatura resolve se dedicar a viver do modo mais pleno possível, muitas outras que estiverem por perto se "deixarão contagiar". Apesar das barreiras, do confinamento, até mesmo de lesões, se alguém se determinar a superar tudo para viver plenamente, a partir daí outros também o farão, e esses outros incluem filhos, companheiros, amigos, colegas de trabalho, desconhecidos, animais e flores. "Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem." Esse é o principal imperativo da mulher sábia. Viver para que outros também se inspirem. Viver do nosso próprio jeito vibrante para que outros aprendam conosco.

Se contarmos os dez primeiros anos de vida como uma década, estou na minha sétima década na Terra... e agora vejo com clareza que o "trabalho de amor" da grande avó também se desdobra num nível terreno... ou seja, o imperativo de ter grande prazer, de ter grande diversão, no bom sentido, de examinar... o que pode significar interferir em prol de um melhor resultado; dar legitimidade... o que significa

abençoar; ensinar... o que significa mostrar como se faz; abrigar... o que significa falar do espírito e da alma, e nunca simplesmente da mente e do corpo por si sós... e assim cuidar das outras almas de todas as idades que possam passar, mesmo que só por um momento, ao nosso alcance.

O que me leva a uma pergunta especial para sua reflexão... Você alguma vez já vislumbrou o que compõe seu eu maior? Acho que uma mulher pode enxergar muito do seu eu profundo ao examinar algum fenômeno raro nos motivos condutores dos contos de fadas, aqueles que caracterizem nitidamente como uma mulher se torna sábia.

Quando examinamos os temas nas lendas e mitos, vemos uma configuração sem paralelo, que é a seguinte: sempre que uma jovem está em situação angustiante, não é tão freqüente que um príncipe apareça, mas costuma ser, sim, uma velha sábia que se materializa como que surgindo do nada, lançando sua poeira mágica ao redor e batendo no chão com sua bengala de abrunheiro.

Quer essa idosa seja uma velha enrugada ou uma feiticeira com seus amuletos, quer ela seja uma mutante ou uma maga sensual, quer esteja usando trajes de ervas, vestido do brilho do pôr-do-sol, manto da meia-noite ou uniforme completo de combate... ela é a anciã "que sabe" e surge de repente para ajudar a mulher mais jovem.

Ela aparece à janela da prisão com uma sábia instrução de como escapar dali. Em segredo, ela dá à heroína um anel mágico, um espelho ou frasco com lágrimas, para usar como proteção. Ela murmura palavras enigmáticas que a heroína precisará estudar e interpretar para acabar encontrando seu caminho. Os príncipes são bons. Os príncipes podem ser excelentes. Mas, com frequência, nos mitos, é a velha que tem algo de realmente bom a dar.

Entretanto não se deveria considerar que a heroína mais jovem, muitas vezes ingênua, apesar dos apuros e desafios que enfrenta nas lendas, seja uma página em branco. Como as jovens na vida real, ela geralmente tem uma impressionante sabedoria própria. Às vezes, porém, é também dominada pelo medo de seguir o que sua alma sabe. Ou ainda, e também pode estar no meio de um aprendizado de enorme importância que, de repente ou com o tempo, chegou a um impasse — como nos mitos gregos sobre rios de esquecimento como o Letes, ou rios envenenados como o Estige, nos quais uma criatura viva de início não consegue ver um jeito de atravessar para voltar inteira à Terra dos Vivos.

Em histórias, como uma da nossa família que chamamos simplesmente de *O colar*, uma jovem é rejeitada pela aldeia por ser "diferente". Em razão de uma importante herança que carrega, ela deveria ser capaz de desconsiderar todo aquele menosprezo para valorizar seu verdadeiro eu... enxergando a si mesma através dos olhos da avó. Mas, enquanto não encontra

uma velha sábia, bastante assustadora, ela tem medo de acreditar que seja mais do que simplesmente humana.

No mito de Psique e Eros, Psique não se dá conta do profundo erro que comete quando tenta "ver" o verdadeiro Amor, em vez de "confiar" nele. O resultado é seu belo amado, Eros, ser ferido e desaparecer. Ela precisa fazer uma viagem sombria aos infernos, onde conhece as três fiandeiras e tecelãs que lhe ensinam, que a vida é curta e falam da necessidade de dar atenção ao que mais importa. Existem muitos outros temas em mitos e lendas, nos quais a jovem não percebe a gravidade do perigo que sua alma corre. Mas a mulher mais velha percebe.

Portanto que bom para nós que a fonte de sabedoria surja de modo bastante confiável, e não somente nos mitos. Se você olhar em volta, na realidade, é provável que também perto de você haja uma idosa maravilhosamente excêntrica, ligeiramente irritadiça, arrumada com elegância e/ou desalinho, ousada, forte e bela. Pense bem... você não conhece algumas criaturas veneráveis que são semelhantes à mulher sábia que aparece nesses contos? Uma mulher que costuma ser perita em sagacidade, cálculos exatos, meios aparentemente mágicos e, sem dúvida, sábias estratégias? Conhece? E, se acha que não, pense de novo, porque pode ser que você seja ela em formação, você! Você mesma!

Nas histórias, a dupla da mais nova e da mais velha, juntas assume a missão de dar muitas bênçãos necessárias uma à outra para seguir adiante, sair-se bem, ser corajosa e audaz, e levar o tipo de vida na qual as almas são bem nutridas.

Por que os atributos da mulher sábia são, além disso, tão importantes para as jovens? E por que a sabedoria e a energia das jovens são tão importantes para as mais velhas? Juntas, elas simbolizam dois aspectos essenciais encontrados na psique de cada mulher. Pois a alma de uma mulher é mais velha que o tempo, e seu espírito é eternamente jovem... sendo que a união desses dois compõe o "ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem".

Não importa o número de anos que você tenha vivido, alguma vez já se sentiu como se ainda estivesse com 16 anos? É seu espírito. O espírito é eternamente jovem e, embora cresça em experiência e sabedoria, ele possui a exuberância, a curiosidade e a criatividade desenfreada da juventude.

Você alguma vez sentiu que disse ou fez algo muito mais sábio, mais inteligente do que você realmente aparenta ser na vida diária? Essa é uma das provas da existência da alma, a força antiga no interior da psique que "sabe" e age de acordo.

Numa psique equilibrada, essas duas forças, o espírito jovem e a alma velha e sábia, se mantêm num abraço em que mutuamente se

reforçam, psique foi construída para ter seu melhor funcionamento, enfrentando dragões, fugindo de torres, dando de cara com o monstro, rompendo encantamentos, encontrando o brilho, lembrando-se da própria identidade... quando é guiada por essa dupla dinâmica.

E o que deveria fazer uma mulher que perdeu o contato com um ou com o outro aspecto dessa preciosa natureza dupla dentro de si mesma, seja o espírito para sempre jovem, seja a anciã conselheira... aqueles aspectos exatos que tornam uma mulher uma "grande" neta, uma "grande" avó, uma "grande" alma?

Receber "a bênção" para viver de verdade... Às vezes passamos toda a nossa vida à espera da "bênção", daquela que abra totalmente os portões: "Ande, sim, seja a força que você está destinada a ser... Ande, sim, viva como um ser pleno o tempo todo, até seus limites mais distantes."

Uma bênção não faz com que você ganhe alguma coisa, mas, na verdade, faz com que você use alguma coisa — algo que você já possui —, o dom que nasceu junto com você no dia em que você chegou à Terra. Uma bênção é para que você se lembre totalmente de quem é, e faça bom uso da magnitude que nasceu embutida no seu eu precioso e indomável.

Se você esteve esperando por essa bênção, peço-lhe que não espere mais, pois as bênções que aplicar sobre a sua cabeça se baseiam na visão comprovada dos atributos inatos e eternos

da sua alma. E quem ousaria dizer que consegue enxergar esses atributos? Ah, aqui precisamos fazer uma pausa para rir juntas; pois, se você pode fazer a pergunta, é porque já conhece a resposta. Escreva o seguinte para não se esquecer: "Jamais subestime a audácia espiritual de uma velha perigosa."

Está lembrada de que no início dissemos que aqui a alma teria liberdade para falar? Assim, já que você está junto à minha lareira, seja você a filha, seja a mãe, seja você espírito e alma, com companheiro ou ainda sem, seja você mais nova ou mais velha, seja você quem está sendo posta à prova ou quem o tempo já provou, ou as duas, abaixe a cabeça, filha querida, e permita que eu lhe conceda esta bênção delicada e ardente pelo que resta desta noite de "histórias dentro de histórias", e por sua jornada vida afora...

Saiba que você é abençoada, apesar das hesitações, quedas, tempo perdido, certezas, perspicacias e mistificações, pois tudo isso é combustível para avançar...

... Portanto que sempre consigamos resistir a quaisquer falsidades coletivas que procurem anular a visão e a audição da alma. Assim, a mulher sábia espia do meio do bosque cerrado.

Que nos afastemos dos zombeteiros que não ouvem esse chamado para a vida da alma. Assim, a mulher sábia avança por seu caminho.

Se necessário for, que nos transformemos em alegres subversivas que estão em constante crescimento, e têm um coração luminoso e

calmo. Assim, chega o espírito à superfície do lago.

Que nos recusemos a ser jogadas para cair em um lugar qualquer, mas, em vez disso, vamos planejar e cumprir nossas fugas do que é morbidamente banal, bem como do que é cronicamente vazio ou brutal. Assim, o espírito se ergue em pleno esplendor.

Que nos dediquemos a novas iniciativas e a outras velhas e confiáveis. Assim agindo, uniremos o que há de melhor na velha sábia ao que há de melhor na mais jovem.

E então, apesar de todos os momentos ou eras em que seja derrubada ou reprimida, quer você seja uma mulher de poucos anos, mas grandes em significado, quer seja uma mulher de "certa idade", que esteja ganhando divisas, ou ainda uma mulher de grande idade que está sempre descobrindo técnicas para manter o fogo brando ou com chama alta...

... Que você sempre se lembre de estar conectada à alma, se for visão e força o que deseja,

... e de estar conectada ao espírito, se for energia e determinação que necessitar para agir pelo seu próprio bem e pelo mundo,

... e, se for sabedoria o que quiser, que você sempre una o espírito à alma, ou seja, una a ação à paixão, a ousadia à sabedoria, a energia à profundidade... e convide todos os aspectos da

psique para o hierosgamos, esse matrimônio sagrado.

... Assim, filha querida, anime-se e inspire-se.

... Assim, que você escolha o que tornar maior, não menor, seu coração, sua mente e sua vida,

... que você absorva o que tornar mais profundos, não mais amortecidos, seu coração, sua mente e sua vida,

... que você escolha o que a faça dançar, não mais andar pesadamente nem cochilar, pelo tempo afora.

A alma e o espírito têm instintos excelentes. Trate de usá-los.

A alma e o espírito têm admiráveis dons do coração.

Trate de desdobrá-los.

A alma e o espírito têm a capacidade de ver longe, remar muito e se curar razoavelmente bem.

Trate de usá-la.

Desde sempre estive esperando por você na sua floresta interior, uma mulher, a maior das maiores, sentada à beira da maior das maiores fogueiras. Apesar de você atravessar a escuridão esmagadora para criar diamantes, ou o deserto que a priva de tudo mas que a sustenta com sua água oculta, apesar de ter de se desviar ao chegar ao rio para ser transportada por sobre as corredeiras por mãos invisíveis... apesar de toda e qualquer luta... aquela mulher, a maior das maiores, em pleno espírito, está à sua espera, enviando pacientemente mensagens pelo

sistema de raízes da sua psique de todos os modos possíveis. Esse é o trabalho dela, o maior dos maiores. E o maior dos maiores trabalhos que cabem a você é encontrá-la e mantê-la para sempre.

Há quem diga que bênçãos são apenas palavras. Mas, minha filha, tendo em vista sua esperança, sua capacidade para amar, seu anseio pela alma e pelo espírito, sua carga criativa, seu interesse e fascínio por viver a vida plenamente, essa bênção para você não é só "palavras". Digo-lhe que esta bênção é profecia.

"Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem."

“Táncoló Nagymamák” A Ciranda das Mulheres Sábias

A SABEDORIA DA NOVA VIDA LAS ABUELITAS: AS VOVOZINHAS

Escute, meu amorzinho:

Nunca subestime a resistência da velha sábia. Apesar de ser arrasada ou tratada injustamente, ela tem outro eu, um eu primordial, radiante e incorruptível, por baixo do eu que sofre o ataque — um eu iluminado que permanece incólume para sempre. Está comprovado que a velha sábia tem uma envergadura de asas de seis metros,

escondida por baixo do casaco, e uma floresta toda dobrada no seu bolso fundo. Decerto, podem-se encontrar debaixo da sua cama pantufas de sete léguas de lamê dourado. E através dos seus óculos, quase tudo que pode ser visto há de ser visto. O tapetinho diante da sua lareira pode realmente ser um tapete mágico. Quando aberto, é provável que seu xale tenha a capacidade de acionar os cães do inferno ou então de invocar a mais estrelada das noites. Ela dá gargalhadas enquanto navega pelo firmamento na metade do seu próprio coração partido. Suas penas se erguem porque ela está sempre aprendendo o amor. Ela desce para se aproximar do alento de qualquer criatura que cante. Ela procura proteger a alma de tudo. Pássaros canoros contam-lhe as notícias ocultas. E assim ela tem a 'visão mágica' que enxerga para adiante e para trás do presente. Como sua equivalente humana, é muito provável que ela more perto de um rio querido... ou então, talvez, ela própria seja simplesmente um rio..."

**A MULHER QUE SABE SEUS ATRIBUTOS:
CAPACIDADE DE DESAFIAR AS
PROBABILIDADES
E ENSINAR OUTRAS A FAZER O MESMO**

As árvores filhas

Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeva de si mesma. Por baixo da terra, a árvore venerável abriga "uma árvore oculta", feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis. A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia para cima, para que sua natureza mais verdadeira, audaz e sábia viceje a céu aberto.

O mesmo acontece com a vida de uma mulher. Como a árvore, não importa em que condições ela esteja acima da terra, exuberante ou sujeita a enorme esforço... por baixo da terra existe "uma mulher oculta" que cuida do estopim dourado, aquela energia brilhante, aquela fonte profunda que nunca será extinta. "A mulher oculta" está sempre procurando empurrar esse espírito essencial em busca da vida... para cima, para que atravesse o solo cego e consiga nutrir seu eu a céu aberto e o mundo ao seu alcance. Seus períodos de expansão e reinvenção dependem desse ciclo.

Você já amou uma árvore? Se amou uma floresta ou uma árvore, sabe que existem árvores que, apesar de tudo o que tenha dado errado, conseguem enganar a todos — e sobrevivem para contar e ensinar sobre seu admirável retorno à vida. É mais uma vez o estopim dourado.

Conheci muitas dessas árvores vigorosas nos bosques do norte onde passei a infância. Contudo, naquela época, como ocorre com frequência na vida das mulheres também, as grandes árvores eram repetidamente expostas a riscos por conta de rápidos esquemas de

incorporação imobiliária. Em vez de ver a terra como um corpo vivo e construir em harmonia com suas curvas de nível, empreendimentos inteiros eram dispostos sobre o terreno, forçando-o a se adequar a idéias que não eram da sua criação.

Foi assim que muita terra fértil e cultivável ficou soterrada debaixo de cubículos de casas idênticas, tanto que os morros e patamares da terra pareciam blindados como as escamas sobrepostas ao longo da espinha de um dragão. As praias foram transformadas em concreto; e trilhas verdejantes foram asfaltadas até praticamente não restar um trecho de verde sequer. Nesse ambiente, as árvores, tanto as velhas quanto as novas, eram ameaçadas diariamente pela poluição, pela invasão do seu espaço, por alterações no lençol freático e, em consequência, pelo desequilíbrio dos nutrientes essenciais que extraíam do solo.

Uma dessas árvores ameaçadas que conheci era uma enorme avó, um choupo. Essa árvore específica tinha sobrevivido por vários séculos a todo tipo de intempérie, inundações, congelamento e a todas as criaturas que tentaram corroê-la. Ela era o que nós chamávamos de "árvore da nevasca no verão" porque lançava suas sementes diminutas presas a uma reluzente penugem branca. Elas voavam e flutuavam nos ventos quentes da primavera, gerando uma tempestade de neve fina e transparente. Seria um equívoco imaginar que, por lançar suas sementes em saias cheias de

babados, ela fosse frágil. Ela não era. Era uma guerreira.

Um dia, porém, mesmo depois de provar seu valor nas batalhas que nunca buscava, mas que vinham confrontá-la diretamente repetidas vezes, e embora continuasse resistindo, ereta e majestosa... bem, um dia ela foi "descoberta" por um grupo de gente armada de serras de arco e machados. E então, ao longo de algumas semanas terríveis — pois tamanha era sua circunferência, tão profundos eram seu coração e sua força —, sem nenhuma cerimônia, ela foi picada e derrubada.

Depois, foi levada embora por um grande caminhão preto com chaminé. Na serraria antiquada, de teto de zinco, ela foi mais "desdobrada" — como se diz nas madeiras — em madeira comum para estrados de carga e caixotes. E, como ocorre muitas vezes na vida de uma mulher, a conclusão era que ela havia sido derrubada, e que agora esse era o seu fim. E alguns, que tinham outros planos em mente, podem ter dito: "Já vai tarde." Mas... a mulher oculta que cuidava do estopim dourado lá por baixo da terra pensava de outro modo...

Imagine um tijolo, de verdade. Agora imagine um enorme choupo vivo, confinado numa casca que tivesse os formatos e tamanhos de milhares de tijolos toscos em linhas ondulantes de cima a baixo, pelo tronco inteiro. Era essa a profundidade com que a casca do choupo estava entalhada — em si uma visão espantosa. Os

velhotes que se alojavam entre os emaranhados de fios e mangueiras no posto de combustível disseram que a casca espessa fez com que os primeiros golpes poderosos dos machados saltassem de volta dos cortes e perseguissem os lenhadores pela rua abaixo. Disseram que só a remoção da casca do tronco exigiu sete dias de trabalho pesado. É difícil matar a vigorosa carapaça de um espírito altaneiro.

A vida de uma árvore, a vida de uma mulher, não precisava e não precisa ser assim, tolhida e retalhada para abrir caminho para outra coisa de valor duvidoso. Há outros modos de viver sua vida e deixar outras vidas em paz; de se harmonizar, de chegar ao pleno florescimento por toda parte.

Minha família vinha de uma tradição camponesa na qual as árvores para corte eram separadas das árvores da floresta. Eles semeavam árvores em áreas demarcadas: algumas para vender, algumas reservadas para o uso da madeira. Mas, as gigantes da Natureza eram encaradas de outro modo... As árvores da floresta não deviam ser derrubadas, pois as grandes árvores eram as verdadeiras guardiãs espirituais do povoado.

As árvores guardiãs eram a proteção da aldeia contra o calor do verão. Durante tempestades, elas desviavam a mira do vento. Com seu tronco, seguravam os amontoados de neve, e evitavam que a neve acabasse por soterrar os chalés rurais e pusesse vidas em perigo. As grandes árvores da floresta impediam que grãos soprados pelo vento entrassem pelas mínimas junções nos

beirais dos telhados e pelas soleiras das portas. Isso elas faziam apanhando nos seus ramos frondosos a poeira que o vento levantava dos campos. As velhas árvores propiciavam uma felicidade luminosa e calma ao coração de todos os que as viam ou que nelas se encostavam. E assim, as velhas árvores, como os anciãos da aldeia, nunca eram cortadas nem deixadas à míngua.

Na antiga tradição da terra natal, se essa árvore da qual estamos falando tivesse tido uma morte natural, "no momento certo da sua própria hora", só então ela teria sido derrubada, caso não tivesse caído sozinha. Do seu tronco, porém, seria tirado um pau de cumeeira, assim como muitas escoras e ripas para forro. A partir daí, haveria uma casa cuja estrutura seria construída com sua madeira.

A casa seria construída "ao alcance da visão" das raízes da velha árvore. Isso para que todos pudessem dizer com orgulho: "Está vendo? No final da vida, essa árvore foi derrubada com a devida gentileza. Ela então veio para um lugar bom e próximo sob uma nova forma. Seu amor por nós e nosso amor por ela nunca terminaram. Ela ainda está conosco."

Se, em vez de viver no embotamento do mundo moderno — que às vezes pressiona os seres humanos a adotar eficácias a curto prazo, em vez de um planejamento a longo prazo que mantenha viva a generosidade da Natureza —, o grande choupo tivesse vivido na terra dos

antepassados, dos seus nós, os velhos sábios teriam esculpido tigelas que acompanhassem os rios do seu veio. As tigelas seriam usadas como recipientes para leite de égua e para pão preto. O pintor de imagens do povoado teria pintado na parede de argamassa caiada da varanda da casa, abaixo do telheiro, um retrato do próprio choupo — para demonstrar que as raízes da casa e as raízes da enorme árvore estavam unidas por baixo da terra tanto quanto a céu aberto.

Mas isso era naquela época. E um momento em que algumas pessoas se esquecem de que a Natureza não é um desconhecido, mas faz parte da família. Depois que o choupo foi derrubado, as pessoas tiveram muitos sentimentos a respeito do seu fim — algumas ficaram impassíveis; outras, em número muito maior, ficaram indignadas. Mas a maioria se sentiu desconcertada com a destruição de um ser tão admirável — um ser que na maior parte do tempo fornecia tudo para qualquer um que quisesse qualquer coisa. A árvore avó: o repouso à sua sombra; o brilho das estrelas atravessando sua copa à noite; uma criatura na qual era possível descansar; um conforto no som incomparavelmente tranqüilizador do vento nas folhas falantes. Um lugar onde namorados podiam se demorar, um tronco no qual alguém poderia se encostar para chorar, uma copa sob a qual espíritos afins poderiam conversar em paz.

No local onde antes ela tocava o céu, havia agora um espaço sinistro, um vazio, uma abertura escura que dava para lugar nenhum. Nem

mesmo os arbustos frondosos e as formas de samambaias que viviam perto do chão — esses jamais poderiam compensar a falta da sua torre verde. E, ainda assim, a mulher oculta debaixo da terra cuidava do estopim dourado. Sempre. E sempre...

Ao longo do ano, começou a acontecer alguma coisa com aquele enorme cepo de choupo. O que restou da árvore no chão tinha mais de 1,80 metro de diâmetro. Aquele tampo de mesa plano e prateado era grande o suficiente para que quatro mulheres de quadris largos se deitassem nele, lado a lado, sem desconforto. O tempo passava.

E passava.

Então... teve início o que chamo de "um lento milagre". Do cepo liso sobre o qual a árvore viva um dia se erguera, cresceram 12 rebentos a partir da velha árvore avó. Direto para o alto. Fortes. Ondulantes. Dançando numa roda. Em cima do cepo. Em torno da sua borda... 12 árvores que dançavam.

As árvores jovens que cresceram a partir do corpo do velho choupo eram obviamente suas filhas. Na mitologia, uma árvore dessas "com sua prole" às vezes é chamada de "árvore do círculo de fadas"; espíritos que brotam do que parece estar morto... para dançar sem parar na alegria de uma nova vida. Elas não foram semeadas. São evocações. Elas surgem, "as muitas a partir de uma só", daquele único estopim dourado. Na

mitologia grega, é Demetér, a mãe terra, que morre quando sua filha desaparece. E Demetér que volta à vida vibrante quando a filha lhe é restituída. Da mesma forma, essa grande árvore: as filhas provêm da raiz mãe mais antiga; elas trazem tudo de volta à vida outra vez. Não à vida estática. A vida que dança.

Esse tipo de árvores com "rebentos" ocorre na Natureza, porque a vida nova está armazenada na raiz — mesmo que a massa maior acima da terra tenha sido derrubada, tenha sido levada dali — mesmo que a vida de uma criatura não tenha sido tratada com o devido respeito, ou não tenha sido gerada corretamente — mesmo quando cercada de apatia e indiferença. Mesmo que a carapaça tenha sido partida e destruída. Imagine só: a partir do espaço vazio, voltar não apenas com um novo rebento uma vez, mas com muitos. Independentemente de todas as outras condições, a mulher oculta por baixo da terra cuida do estopim dourado.

Agora, com os ventos ousados, as folhas dessas arvoretas altas e lindas estão sempre em movimento, sempre falando com mil reflexos de verde. Se isso não for um milagre, não sabemos nada sobre os verdadeiros *milagros*. Pois quem será capaz de dizer que alguma coisa querida que foi rasgada e retalhada morreu de verdade? Quanto a qualquer mulher arrasada, quem poderá um dia começar a avaliar que grande vida acabará por brotar dos seus cortes, dos seus fermentos — da eletricidade empurrada para cima a partir do seu cerne oculto, aquele estopim

dourado? Por mais que ela tenha sofrido mutilações profundas, sua raiz radiante ainda está viva, ainda está produzindo e sempre estará à procura de vida significativa a céu aberto.

Dentro da psique de muitas mulheres existe algo que entende intuitivamente que o conceito de "curar" está incluído na palavra "saúde". Quando ferida, ela se torna "cheia de cura" — cheia de recursos de cura —, o que significa que algum filamento vibrante, gerador de vida, no seu espírito e na sua alma se move persistentemente na direção da nova vida, seja na busca de muitos tipos de forças, seja na reconstituição da integridade perdida, seja na criação de um novo tipo de integridade, diferente da que havia antes. Essa força interna é cheia do impulso pelo bem-estar. Ela acredita num fator de salvação que pode resistir e há de resistir à crueldade. O sistema radicular oculto cresce a seu próprio modo, independentemente de projeções, pressões e acontecimentos externos. Ele continua literalmente em efervescência, subindo em ebulição, fluindo para fora, para cima, atravessando o que for preciso, não importa o que tenha sido disposto contra ele. Aí incluídas forças externas. Aí incluída a própria mulher.

Mesmo quando a atuação do ego é temporariamente reprimida, a mulher oculta por baixo da terra, a que cuida do fogo para esse fim, mantém a atitude pela vida — por mais vida! — que está sempre fazendo força para cima, sempre insistindo em mais vitalidade e se desenrolando,

sempre preservando mais e sendo audaciosa e ponderada... e então mais um pouquinho, mais um pouquinho, até que a árvore da vida a céu aberto equipare-se a seu amplo sistema de raízes subterrâneas.

Quando falamos da criação da alma, aquela geração literal e ordenada de um sistema radicular cada vez maior, de um território da alma cada vez maior, conquistado e plenamente habitado, estamos vivendo como vive uma árvore gigante... Ela não manda a energia só para cima. A medida que cresce acima do solo, ela envia energia de volta para baixo, com instruções para que o sistema radicular se intensifique, que busque mais nutrição, reações mais ponderadas às condições... tudo para dar apoio à copa cada vez maior lá em cima.

Não é diferente na vida de uma mulher. Qualquer uma que tenha registrado seus sonhos e observado como eles estimulam e moldam seus dias; e como o seu dia-a-dia também influencia seus sonhos, sabe que existe um relacionamento complementar entre sua vida exterior e sua vida interior. Nos melhores casos, cada uma alimenta a outra e a torna sábia. O fundamento inextinguível dentro de uma mulher empurra a "força da vida" para cima, para sua mente, seu coração e espírito. Se ela prestar atenção, se escutar, obterá "idéias", em outras palavras, "filhas" brotarão dela na forma de idéias novas e vibrantes por uma vida maior e com mais significado.

À medida que uma mulher cresce a céu aberto na realidade consensual, ela também ordena a expansão do seu sistema radicular para que sua visão profunda, a audição mais cuidadosa e a mente mais perspicaz também se expandam. Trata-se de um processo em série, atemporal, sagrado, acionado pela atenção consciente ao modo pelo qual a psique amadurece de uma jovem menina para uma sábia vibrante, dançante, aprimorada pelo tempo.

Poderíamos aventar a hipótese de que um ciclo de energia armazenada como esse resida no inconsciente psicóide — Jung descreveu o inconsciente psicóide como um lugar na psique em que a psicologia e a biologia poderiam se influenciar mutuamente. Na verdade, porém, permanecem misteriosas para nós as origens dessa força que sempre brota na direção não só da vida mais plena, mas da vida em expansão, uma vida em que as árvores filhas crescem direto da raiz da mãe sábia...

Podemos saber, mas não sabemos dizer com muita precisão onde e como tudo isso ocorre. A poesia faz-se necessária para explicar a força vital de uma mulher: a dança, a pintura, a escultura, os ofícios do tear e da terra, o teatro, os adornos pessoais, as invenções, escritos apaixonados, estudo em livros e nos nossos sonhos, conversas com outras que sejam sábias, o atento intuir, refletir, sentir e pressentir... criações e realizações de todos os tipos são necessárias ... pois existem certos assuntos

místicos que as palavras concretas isoladas não conseguem expressar, mas que as ciências, contemplações do que é invisível porém palpável, e as artes conseguem.

Entretanto, no meio de qualquer tempestade ou contentamento, a bela força da vida estará para sempre preservada pela mulher oculta, que sempre se esforçará para que se saiba que consertos e impulsos começam novamente no próprio momento em que somos destruídas. Assim, essa força interior atua como uma grana mère, a maior das avós, a essência da sanidade e da sahedoria da alma que sempre nos guia e que jamais nos abandonará.

Essa fonte misteriosa é vivenciada por meio daqueles conhecimentos nítidos e úteis que parecem chegar inesperadamente e por intermédio de origens invisíveis; em sonhos noturnos ousadamente explícitos ou intrincadamente emaranhados; em explosões de energias e idéias eficazes que surgem aparentemente do nada; na súbita certeza de que se está sendo chamada para algo que necessita do nosso amor, dos nossos pontos de vista ou dos nossos toques; na inesperada determinação de interferir, dar as costas ou caminhar naquela direção. Como a velha sábia que aparece de repente em contos, essa fonte que guarda o estopim dourado se manifesta mediante exortações interiores para que atuemos discretamente ou com exuberância; no impulso perspicaz de criar mais uma vez,

valorizar mais fundo, consertar melhor, proclamar mais longe, proteger a vida nova.

À primeira impressão dessa prova atemporal pode ser estudada também nas mulheres de carne e osso. Aquelas que estão sempre procurando reter significados, em vez de criar alianças somente com os perecíveis; as que anseiam por florir e estão, hesitantes ou firmes, desenvolvendo os ovários para florescer plenamente e com freqüência; as que lutam para pertencer a si mesmas e estar no mundo ao mesmo tempo, talvez em seqüência, talvez todas juntas; mulheres que estão lutando para se tornarem fontes de sementeira, cujo lançamento de sementes procura espaço, e que, no pensamento e na ação, viajam muito além da sua conhecida terra natal.

A força e presença da maior das mulheres, a velha sábia, a grana mère, a maior das mães, é encontrada naquelas que são desde um pouco até muito perigosas, através da sua noção e disposição para pôr em risco idéias e existências desprovidas de alma, seja dentro de si mesmas, seja do lado de fora. A prova dessa fonte sábia e misteriosa, nas raízes, é o que sempre se encontra em mulberes que estão aprendendo e que anseiam por aprender mais, que desenvolvem uma visão interior, que seguem intuições, que não serão impedidas de prosseguir nem silenciadas, que, a respeito de coisas profundas ou glórias que pareçam à primeira vista intimidantes, não dizem... "Isso eu não posso fazer", mas preferem perguntar a si

mesmas: "O que eu preciso reunir para poder fazer isso?"

Não importa onde ou como vivamos, não importa em que condições... nunca estamos sem nosso supremo aliado, pois, mesmo que nossa estrutura externa seja insultada, agredida, apavorada ou mesmo destroçada, ninguém poderá extinguir o estopim dourado, e ninguém poderá matar sua guardiã subterrânea.

**LAS ABUELITAS: AS GRANDES VOVOZINHAS.
A VELHA MÍTICA.
DE QUE MODO ELA É PERIGOSA?
DE QUE MODO É SÁBIA? ELA É MUTILADA.
CRESCER DE NOVO. ELA MORRE.
E CRESCER DE NOVO. ELA ENSINA AS JOVENS
A FAZER O MESMO. ACRESCENTAR
AUDÁCIA.
ACRESCENTAR DANÇA.**

A *abuelita*, a grande avó. São tantos os tipos que aparecem nos mitos e histórias. Há as distantes, que tentam esgotar as forças vitais dos parentes, como em certos temas de histórias do Leste da Europa, em que as sugadoras de sangue procuram primeiro dentro da própria família — os filhos e os filhos dos filhos —, em busca de nutrição para compensar sua luz fraquejante, seu vazio e suas escolhas imprudentes.

Há as grandes avós selvagens que têm o cabelo verde e os cílios turquesa, com sapatos de todas as cores, e que viajam por toda parte para fazer as meninhas entenderem que são honitas. Há as "grandes avós de avental" que sabem de tudo sobre fartura e carestia, e são as portadoras de alimento para o corpo e para a alma. Há as grandes avós de alta-costura e as grandes avós artistas que lançam purpurina a cada passo e inspiram outras a criar à vontade. Há uma quantidade incontável de tipos de avós: cada uma é única e representa um desafio a tentativas de classificação. Há muitas grandes avós que reúnem os atributos anteriores e ainda mais; ou mesmo diferentes, tudo ao mesmo tempo. Qualquer qualidade de inteligência, ternura, franqueza, sensualidade, profundidade que uma mulher tenha possuído aos vinte anos de idade, com o esmerado desenvolvimento ao longo do tempo, estará provavelmente duplicada e triplicada quando ela, de fato, na psique e na alma, for uma *grand mère*...

Há uma personagem que me agrada muito. Nos antigos mitos do Novo México, pode-se repuxar as franjas esfarrapadas de uma figura que parece ser um tipo do que eu chamaria de "Avó das Neves". Ela aparenta ser uma personificação de uma avó mítica que tem um bigodinho de pingos de gelo, o cabelo espetado salpicado de neve e trajes macios feitos de neve acumulada pelo vento. Vive entre os animais; e, segundo histórias que ouvi, dizem que traz alívio aos que sofrem, baixando sua temperatura. Ela não é o

espírito da morte. É mais como uma força de anestesia temporária, alguém que, com misericórdia, proporciona um descanso em relação à dor.

Um dia achei que a conheci em pessoa. Havia *la vieja*, "uma velha velhíssima", no hospital do pequeno povoado no Novo México onde trabalhei por um período. A velha Ana estava com uma febre alta que os médicos não conseguiam fazer baixar ao normal, por mais que tentassem — principalmente com administração de líquido e repouso. No entanto a velha era rebelde e descrevia sua enfermidade como "uma doença do calor", provocada por um acesso de bÍlis, raiva, naquele caso tendo como motivo uma pequena desavença com uma vizinha algum tempo antes.

A velha Ana não parava de pedir aos médicos que a pusessem lá fora na neve na sua cadeira de rodas. Ela dizia que queria abrir o roupão e mostrar os seios ao céu. Acharam que ela tivesse perdido o juízo. Calcularam que ela quisesse se expor ao frio enregelante para cometer suicídio. Todos recebemos ordens de vigiá-la atentamente, sem permitir que escapasse ao nosso controle.

Sabe, é difícil dizer se a gente deveria receber parabéns ou pêsames nessas circunstâncias, mas existem ocasiões em que simplesmente se é obrigado a obedecer às exigências de uma velha, se não... O "se não" não costuma ser definido com clareza. Você só sabe que, se não obedecer

agora, anos adiante na estrada sentirá um arrependimento vindo da alma para cima, para baixo e em todas as direções.

Quando a velha Ana com as bochechas muito coradas pela febre exigiu que eu a levasse para o frio lá fora, em menos de sessenta segundos eu já a estava embrulhando nos cobertores de duas camas, e praticamente carregando-a até a cadeira de rodas prateada... ela a chamava de sua "cadeira voadora"... e me esgueirando com ela pela porta lateral. Ela estava sentada toda empertigada por baixo daquelas cobertas que iam arrastando no chão, usando só seu corpinho nu e um daqueles roupões de algodão azul-claro, todo estampado com xícaras e torradeiras, já desbotado de tanto ser lavado.

Enquanto eu a empurrava lá para fora, sob um céu azul-noite todo estrelado, à sombra enegrecida das montanhas Sangre de Cristo, a velha Ana exultava, numa beatitude triunfal. No entanto o que mais ocupava minha atenção eram os punhos de metal daquela "cadeira voadora". Os punhos prateados ficaram frios como gelo seco, tão rápido que todos os cinco mil ossos das minhas mãos ardiam e doíam como se fossem se partir. Ai, pensei comigo mesma, sem dúvida nós duas vamos morrer aqui fora. Eu até conseguia ver a manchete do jornal da pequena cidade, *Comunidade em choque: duplo suicídio*.

Mas a velha Ana não se deixou atingir pelo frio. Ela me pediu para ajudá-la a se levantar. Na realidade, ela me deu uma ordem: "*!M'hija, arriba!*" Minha filha: para cima!" E então bem

ali, no meio da neve de inverno, diante de Deus, só eu e ela, com os sapatos acabados, sem meias, usando na cabeça o cachecol de chiffon, cheio de fios repuxados, e deixando o grande rosário preto no assento da cadeira — Ana se levantou, como um guincho correndo o sério perigo de se partir com o esforço de içar uma carga pesada demais para ele.

Entretanto, por fim, ela conseguiu se pôr de pé, oscilando nos calcanhares. Pensei: "Tudo bem, só mais dois segundos, e eu a embrulho de novo, ponho na cadeira de rodas e volto correndo para o prédio aquecido com esse seu precioso esqueleto de velha."

E assim estendi a mão para segurar seu braço e conduzi-la de volta para a cadeira; mas, com a força de dez mulheres, ela rodopiou, é "rodopiou" é a palavra certa. E, com a agilidade de uma mulher de repente oitenta anos mais nova e com um berro horripilante: Ahhhh! Ela abriu o roupão e lá estava ela, "A madona nua como veio ao mundo", de pé no meio dos cobertores e do roupão caídos na neve, tendo ao redor só neve derretida e gelo.

Fiquei sem fôlego por um momento, e por mais de um motivo; pois devo lhes dizer com total franqueza que naquele instante eu me tornei testemunha do fato de que os seios de uma velha são belas criaturas, algo maravilhoso de se contemplar.

Ficamos ali paradas no frio e no vento. Meu rosto e minhas mãos estavam mais aquecidos, ou talvez tão dormentes que eu já não os sentisse. A

velha Ana respirava fundo, prendendo o ar... para depois soltá-lo em explosões. Por fim, quando Ana, essa velhinha pequena como um passarinho, viu uma estrela cadente, como qualquer um pode ver a intervalos de minutos no Novo México, ela me disse toda alegre: "*Todo, finito*", agora chega. "Pode me levar de volta, *m'hija*, minha filha."

Envovi com cuidado o trapo do seu roupãozinho molhado em torno do corpo nu enregelado, instalei-a devagar na cadeira, joguei os cobertores molhados por cima do meu ombro como se estivesse indo trabalhar num acampamento de mineração... e, com os olhos passando assustados da esquerda para a direita, para baixo e para trás, corri com a cadeira de rodas fazendo voar borrifos de neve derretida e entrei de novo no prédio baixo de tijolos de adobe, sempre excessivamente aquecido.

Por ser jovem e inexperiente, o tempo todo eu temi, muito embora meu coração me dissesse o contrário, que tinha sido loucura ser sua cúmplice; que sem dúvida eu encontraria a doce criatura, morta, morta, mortinha de pneumonia na cama, dali a poucas horas. Congelada num longo bloco de gelo, como numa história em quadrinhos.

Mas Ana não teve pneumonia. Ela não morreu. Na realidade, uma hora mais tarde ela estava se sentindo tão melhor que, barulhenta e feliz, acordou toda a equipe com pedidos lascivos de um chá especial, "*o 'Constant Comer' — aquele que reanima todos os sumos da mulher!*", a bebida

cujo verdadeiro nome é "*Constant Comment*¹", um chá da Lipton's.

A velha Ana era uma mulher que conhecia seu próprio corpo. Ela sabia como abaixar sua febre de um modo que mais ninguém poderia calcular. Como muitas grandes avós, ela sabia de coisas que ninguém pode questionar, a menos que essa pessoa esteja totalmente enlouquecida, sem lhe restar nenhum neurônio, pois o desdém da velha pode deixar marcas chamuscadas no seu passado tanto quanto no seu futuro.

Não existe explicação viável para algumas idéias que muitas grandes avós possuem, além do fato de que elas "sabem das coisas". Como uma das minhas avós gostava de repetir: "... para quem tem esse conhecimento misterioso, nenhuma comprovação é necessária. Para quem não 'tem conhecimentos', não há comprovação no mundo que consiga convencer".

Existe também o tipo de *abuelita*, grande avó, que se caracteriza não só por sua perspicácia, mas por seu profundo amor. Nos mitos, como a curandera, que mora em algum lugar muito afastado, ela é a avó querida e prendada que produziu o pão do amor. Quando ela o serve, esse pão transforma para o bem quem quer que o coma. É comum que ela tenha desenvolvido a "imposição de mãos" de uma forma que transforma com seu amor as pessoas que ela

¹"Constant Comment" - o que se comenta constantemente. "Constant Comer" - o que dá orgasmos constantes. (N. da T.)

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Ciranda das Mulheres Sabias Clarissa..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).